

Silvia Alonso

À fertilidade do coletivo

Realização Ana Claudia Patitucci, Adriana Victorio Morettin, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Homtinsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

DOI: 10.70048/percurso.75.113-130

São muitas as razões para que, nos últimos anos, tenhamos escolhido nossos entrevistados nas cercanias. Na última década são raras as exceções. Se cabe ou não falar de uma psicanálise brasileira ou latino-americana, é fato que, no âmbito das temáticas que nos mobilizam ultimamente, grandes pensadores estão por perto. Muitos dentro da nossa casa. Neste número comemorativo de 40 anos de Departamento brindamos a fertilidade desse coletivo ao revisitar a sua história, sua importância e suas conquistas junto a Silvia Leonor Alonso, incansável trabalhadora dessa sempre inacabada construção.

Silvia Alonso é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae desde sua fundação. Professora e supervisora do Curso de Psicanálise. É coordenadora do grupo de trabalho e pesquisa “O feminino e o imaginário cultural contemporâneo” desde 1997. Fez parte do grupo fundador da revista Percurso e integrou seu primeiro Conselho Editorial. É autora dos livros: O tempo, a escuta, o feminino (Casa do Psicólogo, 2011), Histeria (Casa do Psicólogo, 2004), em parceria com Mario Pablo Fuks, e Ressonâncias da clínica e da cultura: ensaios psicanalíticos (Blucher, 2022). Coorganizadora dos livros: Freud: um ciclo de leituras (Escuta, 1997), Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo (Escuta, 2002), Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na

cultura (Escuta, 2008), Corpos, sexualidades, diversidade (Escuta, 2015) e Feminismos em trânsito (Zagodoni, 2022). Atualmente exerce o cargo de Secretária Científica da Comissão Diretiva da FLAPPSIP (Federação Latino-americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise). Em uma agradável manhã de agosto, vésperas do XIII Congresso FLAPPSIP, Silvia abriu um espaço em sua agitada agenda para essa conversa que versou sobre sua chegada ao Brasil, os primórdios do Departamento, a construção de seus princípios norteadores e a trabalhosa atenção a eles no decorrer desses 40 anos. Com o sabor das histórias que se recontam a partir de um novo momento e ponto de vista, ela destaca algumas palavras que insistiam nas discussões preliminares sobre a composição desse coletivo: “reconhecimento”, “democracia”, “produção”, palavras/ideias norteadoras que continuam presentes como referência daquilo que se sonhou, daquilo que se pensou, e do que deve ser cuidado.

A participação na fundação da revista *Percurso* e a proposta do Grupo do Feminino deram base para que falasse da importância que atribui à pesquisa e à escrita na construção do psicanalista, tema que lhe é caro. Escrever, pesquisar, publicar fazem parte de um processo de apropriação das heranças dos objetos identificatórios, fundamental à construção singular do analista, mas também parte do adensamento da psicanálise, em que cada psicanalista é pensador e autor de uma psicanálise viva, que se atualiza.

A entrada do Departamento na FLAPPSIP se desenha como uma ampliação do campo de interlocução para esse coletivo efervescente de reflexões e questionamentos, onde frisa a importância estimulante do fora. O subsequente trabalho de participar, pertencer e sustentar uma Federação também emerge na entrevista, quando Silvia nos fala da complexa dinâmica de funcionamento, das diferenças entre as associações, entre os países e entre as histórias do movimento psicanalítico em cada um deles.

E todas essas histórias convergem e se articulam em torno de um compromisso institucional,



*cheguei da Argentina
em dezembro de 1976,
e em 1977 começamos
a montar um curso
no Sedes
que se chamava
Psicoprofilaxia*

que Silvia encarna de forma tão rigorosa, com uma psicanálise permeável às interrogações de cada momento histórico e implicada com o contexto sociocultural. Uma psicanálise que se renova a partir das questões atuais, e que sustenta o pensamento freudiano, “abundante, grande e complexo”, como fundamental.

Danielle M. Breyton

PERCURSO Esta entrevista se insere em um número comemorativo dos 40 anos do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Aproveitando que você é uma das fundadoras do Departamento e uma das fundadoras da revista *Percurso*, gostaríamos de começar a conversa com um balanço desses anos. O que você acha que são marcos importantes dessa história, e a quais questões você está atenta atualmente?

SILVIA LEONOR ALONSO Bom, em primeiro lugar lhes agradeço o convite para essa conversa. É muita história, são 40 anos! Entrei no Sedes em 1978; nessa época, o Departamento ainda não existia, existia o curso que se chamava Psicoterapia de Orientação Psicanalítica e depois passou a se chamar curso de Psicanálise, que começou com os primeiros seminários em 1976. Cheguei da Argentina em dezembro de 1976, e em 1977 começamos a montar um curso no Sedes que se chamava Psicoprofilaxia. Ensinávamos psicanálise e grupos e fazíamos um acompanhamento dos trabalhos realizados por alunos em instituições, em situações de crises. Em 1977, comeci também



éramos poucos professores,
Regina Schnaiderman,
Mario Fuks, Lucía Fuks,
Ana Sigal, Fabio Herrmann,
Marilene Carone, Marilza Taffarel,
Miriam Chnaiderman e eu

a dar supervisões na PUC para o último ano da graduação. No segundo semestre, fui convidada para dar um seminário em um curso de pós-graduação *lato sensu* que se chamava Formação em Psicoterapia, e que tinha duas vertentes, uma ligada à psicanálise e outra a Jung. Nesse momento, Julieta Nóbrega, que era coordenadora da área de psicanálise, precisou sair, e entrei como coordenadora do curso.

No Sedes, fiquei dois anos no curso de Psicoprofilaxia, e em 1980 Regina Schnaiderman me convidou para ingressar no curso de Psicanálise, logo após ter acontecido a divisão do curso em dois. Foram anos de muito trabalho, tivemos que reorganizá-lo depois da divisão. Éramos poucos professores, Regina Schnaiderman, Mario Fuks, Lucía Fuks, Ana Sigal, Fabio Herrmann, Marilene Carone, Marilza Taffarel, Miriam Chnaiderman e eu. Um grupo pequeno. Entre 1980 e 1984, ano em que se funda o Departamento, muitas coisas aconteceram. Uma delas é que armamos o funcionamento, a estruturação do curso, e quando as primeiras turmas de alunos começaram a se formar, muitos queriam continuar com a experiência institucional, ter um lugar de trabalho, e então, começaram a trabalhar! Na verdade, o trabalho no Departamento começou antes da fundação do Departamento. Lembro um evento organizado pelos ex-alunos, em que convidaram alguns professores e ex-alunos para três ou quatro palestras. Fui uma das palestrantes. Outro grupo de ex-alunos começou a pensar em projetos clínicos. O convênio com a Secretaria de Saúde se estabeleceu e

começamos a dar supervisão nos ambulatórios. Então, se reuniu toda uma população de ex-alunos que começou a fazer esses trabalhos, mas que estava meio sem “vaso” de pertinência, de continência; e no coletivo foi se criando a necessidade de fundação de um Departamento. Creio que essa demanda vinda das próprias atividades desse coletivo se articulou com um desejo muito forte da Regina Schnaiderman, que não queria só um curso de psicanálise, queria um espaço de continência, de formação permanente. Ela queria uma *insti-tuição psicanalítica* de formação, mas também de formação permanente. Desejo também presente no conjunto dos professores.

Isso se junta a uma outra coisa importante, o momento histórico. Em 1984, estavam acontecendo as *Diretas Já*. Então, existia uma efervescência, que nos tomava a todos, de refazer a democracia e o funcionamento democrático. Uma efervescência de construir espaços democráticos, o que era fundamental para a fundação de um Departamento. Havia uma vontade muito grande de criar um coletivo de trabalho com funcionamento democrático naquele momento.

PERCURSO Esse momento também dialogava com a história de vários professores que vieram da ditadura na Argentina para São Paulo?

SILVIA ALONSO Exatamente, claro. Quando vários de nós chegamos da Argentina, apesar de ainda não haver um governo democrático, encontramos aqui um espaço muito mais aberto para o pensamento. Nesse momento, Gregório Baremlitt, que morava no Rio, se articulou com algumas pessoas de São Paulo, entre elas Arthur Moura, para refundar a EPFSO (Escola de Psicologia Freudiana e Socio Análise) que ele fundara e dirigira em Buenos Aires, de cuja equipe docente eu e Lucía fazíamos parte. Me incorporei ao grupo e trabalhamos um tempo, fizemos alguns eventos importantes, mas o projeto não se sustentou por muito tempo.

PERCURSO Com que autores vocês trabalhavam na EPFSO?



SILVIA ALONSO Na Argentina a formação era freudiana, ensinávamos Freud, mas procurávamos estabelecer espaços de conversa que tivessem cruzamentos. Convidávamos antropólogos, sociólogos, ou seja, pessoas de outras áreas das ciências humanas para articular com a psicanálise o que se passava socialmente. Era um momento de muito autoritarismo, buscávamos compreender a influência das questões sociais na clínica.

PERCURSO É interessante pensar que tudo isso vai confluindo para o que depois se torna o Departamento. Ele vem dessas forças às quais você se refere?

SILVIA ALONSO A fundação do Departamento tem relação com a eferescência democrática que nos mobilizava a instituir um espaço amplo, coletivo e de funcionamento democrático, até porque no curso só existiam duas categorias: ou se era professor ou aluno. Operávamos com um conselho paritário de 50% de professores e 50% de alunos, e os alunos reclamavam disso. Eram os lugares que existiam. Com a fundação do Departamento abriu-se um espaço coletivo em que éramos colegas, o trabalho era entre colegas.

Nesses anos, entre a cisão do curso e a fundação do Departamento, fizemos um importante trabalho de construção interna, de repensar o que era transmitido, e fomos definindo muito claramente *que tipo* de psicanálise queríamos transmitir e *que tipo* de espaços queríamos criar, culminando no ano de 1984 em que as discussões se intensificam no curso e nas assembleias. No final desse ano, acontece a assembleia em que Regina marca a fundação do Departamento. Forma-se então uma comissão para construir o Departamento, da qual faziam parte alguns professores, muitos alunos e ex-alunos. Em 1985, seguimos trabalhando bastante para estruturar como iríamos funcionar. Como o Departamento nasceu antes mesmo de sua fundação, organizamos os setores do Departamento com base na demanda do que já existia. Assim, tinha de haver um espaço para eventos, porque eles já tinham começado, tinha de existir espaços de formação contínua, tinha de

*como o Departamento
nasceu antes mesmo
de sua fundação, organizamos
os setores do Departamento
com base na demanda
do que já existia*

haver espaços para o pensamento clínico, tinha de existir o setor de saúde mental em instituições, porque já havia convênios com a Secretaria para fornecer supervisão. As atividades que já estavam ocorrendo, que já trabalhavam muito intensamente naquela época, foram encontrando os setores onde se inserir.

PERCURSO E foi encorpando a partir do momento em que se institui como lugar.

SILVIA ALONSO Exatamente, à medida que se institui como lugar, cresce e se fortalece. Então, abrem-se os pedidos de participação. Quem queria participar declarava seu desejo de pertencer, e ia buscar determinados setores para começar a trabalhar no Departamento. Estes são, certamente, momentos importantes de definição e construção. Lembro a quantidade de conversas e reflexões sobre cada ponto na comissão fundadora do Departamento, em 1985. O que será esse Departamento? O que queremos? O que pensamos? Algumas palavras eram muito fortes, muito insistentemente presentes nessas conversas. “Reconhecimento” era uma palavra insistente, que se colocava contra a palavra “autorização”. “Democracia” também, porque se opunha às hierarquias autoritárias dentro das instituições. Queríamos um coletivo que tivesse um tipo de gestão muito democrática, que pudesse funcionar como um lugar de reconhecimento entre os membros, e não como uma instituição que concede um diploma, um título, um nome, ou que dá autorização para se tornar analista. Queríamos também



*tinha que ser
um Departamento de Psicanálise
implicado com a realidade,
com as lutas sociais, em suma,
com a luta contra
as desigualdades*

um Departamento em que estivesse presente o espírito da carta de princípios do Sedes como fundamento básico. Para isso, tinha que ser um Departamento de Psicanálise implicado com a realidade, com as lutas sociais, em suma, com a luta contra as desigualdades. Tinha que ser uma psicanálise que andasse de mãos dadas com os movimentos existentes, por exemplo, na saúde mental. Ou seja, pensávamos na transmissão de um tipo de psicanálise que pudesse ajudar as pessoas que trabalhavam em ambulatórios. Outra preocupação presente era a de que fosse uma psicanálise em movimento, uma psicanálise que se pensasse e se transformasse. Vários de nós tínhamos vindo da Argentina trazendo essa experiência, pois já tínhamos vivenciado um processo de transformação, de criação. Outra palavra que também insistia era “produção”, queríamos um lugar em que o psicanalista fosse reconhecido por sua produção, que era um termo amplo, que incluía o tipo de clínica, a produção teórica, bem como o trabalho dentro do Departamento. Um outro princípio básico era a ideia de não fazer uma associação de escola, definida por um pensamento teórico único, e sim uma transmissão que reconhecesse o trabalho de Freud como fundamental, básico e inaugural da disciplina, mas que trabalhasse com outros autores. A ideia era a de que os aportes desses autores se fizessem a partir de temáticas, ou seja, nunca estudar o autor pelo autor. Não se estudaria Melanie Klein ou Pontalis, e sim as temáticas. E os temas seriam estudados em Freud, e a partir daí o campo se ampliaria,

incorporando, incluindo, conversando com os aportes dos outros autores. Então, não seríamos uma formação, nem uma instituição que se organiza em torno de *uma* figura, nem em torno de *um* pensamento teórico. Isso, certamente, era fundamental. E, desde o início, não queríamos um Departamento com categorias de membros.

PERCURSO Houve uma assembleia em que essa questão se colocou, um lado queria categorias de membros e o outro não?

SILVIA ALONSO Sim, a questão sobre haver categorias de membros se colocou em várias assembleias. Naquela comissão inicial essas questões eram discutidas e propostas eram feitas para qual Departamento queríamos, e as discussões se ampliavam para o coletivo. A cada construção de mais um pedacinho do Departamento, os princípios fundadores eram reconversados, rediscutidos e reafirmados. Por exemplo, a cada vez que repensávamos a coordenação, ou a gestão do Departamento, essas questões tinham que ser discutidas novamente: não queríamos uma hierarquia, não teríamos um presidente. Inicialmente, se organizou um conselho composto por representantes dos setores. Com o tempo, se entendeu que esses representantes não pareciam ser representativos do que acontecia, então foram se transformando em interlocutores por áreas. Mas era assim, cada vez que se construía mais uma peça, se resignificavam todos os objetivos e todos os princípios fundadores do Departamento.

PERCURSO Vemos isso acontecendo até hoje. Nesse sentido, que momentos foram marcos de crescimento, de avanços?

SILVIA ALONSO Houve tantos! Por exemplo, quando chegou a hora da abertura do Departamento, quando a entrada deixou de ser o curso de formação. Até então, o Departamento se constituía de professores, alunos e ex-alunos do curso, mas tínhamos a perspectiva de que o Departamento se abriria. Então, nesse momento de abertura houve uma discussão imensa, efervescente. E novamente discute-se: “deve haver membros



fundadores e membros que fizeram a formação no Sedes?”. E nós: “Não!”. “Se abrimos, abrimos, e todos são membros”. Pensávamos em como seria essa entrada. Por um lado, era necessário um pedido de pertinência, uma expressão de desejo de pertencimento através da apresentação de um memorial. Por outro, se o princípio do reconhecimento continua válido, tinha de haver um momento de reconhecimento do coletivo. Houve um apoio muito grande para que a apresentação pública fizesse parte do ritual de admissão, do processo de pertinência, como um momento fundamental para a inclusão, em que alguém mostra seu trabalho, sua clínica, e é reconhecido pelos colegas. Assim, cria-se a Comissão de Admissão que acompanha todo o processo.

Outro marco importante foi a fundação da *Percurso*, muita discussão foi feita sobre que revista queríamos. Primeiro, um grupo se reuniu para pensar o Boletim, do qual fiz parte. Sempre achei importantíssima a função do Boletim dentro do Departamento.

PERCURSO Ele vai dando notícias contínuas do que está acontecendo.

SILVIA ALONSO Sim, sobre o dia a dia do Departamento. Fiz parte porque estava interessada em um espaço de escrita e publicação, que também interessava a muitos que se juntaram para discutir o que fazer. Nos perguntávamos se criaríamos um boletim ou uma revista. Aquele grupo chegou à conclusão de que criaria um boletim. Então, saí. Eu queria criar uma revista, e comecei a me conectar com colegas que estavam interessados na questão da escrita. Assim, formamos um grupo para pensar que revista queríamos. Discutimos se seria uma revista do Departamento, com textos de autores do Departamento, ou não. Nos demos conta de que queríamos uma revista que fosse um fórum, onde a conversa entre os textos dos analistas que são de dentro e os dos que são de fora pudesse acontecer e adensar a psicanálise. E assim fizemos uma revista que recebia artigos de dentro e de fora. Quanto à gestão, fizemos um Conselho Editorial, o primeiro formado por:

outro marco importante foi a fundação da Percurso, muita discussão foi feita sobre que revista queríamos. Primeiro, um grupo se reuniu para pensar o Boletim, do qual fiz parte

Janete Frochtengarten, Miriam Chnaiderman, Renata Cromberg, Renato Mezan e eu, que pensava, lia e trabalhava com os artigos. E tinha um grupo que organizava a parte administrativa da revista. São esses momentos que implicam a revisão e a rediscussão dos princípios fundadores do Departamento, os quais acredito que sejam mantidos até hoje.

PERCURSO Qual a importância da Madre Cristina nesse momento?

SILVIA ALONSO A importância da Madre Cristina foi imensa! Ela foi uma figura absolutamente marcante, que permitiu a existência do curso dentro do Sedes, e a entrada de muitos de nós. Ela também permitiu a continuidade *dos dois* cursos, quando se fez a divisão. E, bem, ela apoiava militantes, exilados, era verdadeiramente uma líder democrática muito importante.

PERCURSO Você destacou que o Departamento está muito referido à carta de princípios do Sedes. Isso se refere a Madre Cristina, não é?

SILVIA ALONSO Sim, certamente foi um norteador. A Madre Cristina era uma potência de presença muito grande. Seu papel durante a ditadura ensejando a abertura, e o acolhimento que oferecia nos espaços. E depois, em todo o funcionamento da luta pela reforma psiquiátrica, da luta antimanicomial, que tinham espaços de discussão dentro do Sedes. Havia espaço também para o grupo ligado aos povos indígenas. Tudo isso tinha a ver com a presença da Madre Cristina, que



*o tema do feminino
já vinha me acompanhando,
trabalhei durante anos em uma
maternidade na periferia
de Buenos Aires, onde fiz
uma parte fundamental
da minha formação*

acolhia essa grande diversidade em um imenso espírito democrático. Seguindo por esse caminho, o Departamento foi desenvolvendo diversos projetos, Clínica do Testemunho, lutas antirracistas, ações afirmativas, políticas de cotas, e assim avançamos.

PERCURSO Em 2001, você deu uma entrevista à revista *Percurso* sobre a construção do analista. Esse é um tema muito central na sua prática institucional, assim como no seu pensamento. Foi também um dos temas que você levou ao Congresso da FLAPPSIP. Gostaríamos que você nos falasse da história do Grupo do Feminino, que, desde a sua fundação em 1997, tem na proposta ser um grupo de pesquisa. Como surgiu o grupo e como são definidas as pesquisas? Gostaríamos também que você falasse um pouco da concepção do lugar da pesquisa na construção do analista.

SILVIA ALONSO O Grupo do Feminino surge no momento em que o Departamento procura intensificar a formação continuada de seus membros, e abre a possibilidade de serem oferecidos grupos de estudo. O tema do feminino já vinha me acompanhando, trabalhei durante anos em uma maternidade na periferia de Buenos Aires, onde fiz uma parte fundamental da minha formação. Na Argentina, com a saída de uma parcela muito significativa dos analistas da APA, não foram fundadas outras associações, mas formaram-se grupos de formação nas próprias instituições de trabalho. A maternidade em que trabalhei era uma delas, em espaço coordenado por Armando Bauleo.

Marie Langer foi uma das presenças importantíssimas naquele projeto. Desde então o tema do feminino e dos feminismos tem me acompanhado em toda minha formação. Então, propus ao Departamento a abertura de um grupo que trabalhasse o tema do feminino, mas não queria que se chamasse grupo de estudo e sim grupo de pesquisa. E isso tem exatamente a ver com o que vocês me perguntaram, essa concepção do que penso sobre o lugar da pesquisa na formação de um analista. Prefiro falar de construção e não de formação, porque formação é uma palavra que pode dar o sentido de uma modelagem, de uma formatação. E não é disso que se trata, acredito se tratar de uma construção que vem do mais visceral, e que vai se constituindo de dentro para fora. A análise pessoal, a experiência do inconsciente que se faz nesse processo, é o núcleo fundante da construção de um analista, e que depois será ampliado para o trabalho sobre o desejo de ser analista. A partir daí, em camadas, vem o início da clínica e da clínica supervisionada, à qual se articula a formação teórica através das leituras e das reflexões, ou seja, tudo que é o escopo teórico e conceitual do trabalho. É nessa construção permanente que a pesquisa tem um lugar fundamental. Retomo esse ponto no último capítulo do livro *Ressonâncias da clínica e da cultura: ensaios psicanalíticos* para pensar como o processo de construção do analista se dá na apropriação das heranças: em toda análise pessoal, supervisão e estudo teórico, existe alguém que ocupa o lugar de suposto saber e de transmissão do saber, ou seja, do ideal de ego, que é fundamental para que o processo aconteça. Ou seja, para se fazer uma análise é preciso colocar o analista em um lugar de suposto saber, assim como o supervisor ou o professor para realizar a construção do pensamento clínico. Mas também é necessário retirá-los deste lugar.

PERCURSO É interessante como a formação no Departamento de Psicanálise se articula com o princípio democrático ao oferecer uma amplitude de referências identificatórias. É isso que

você chama de um mosaico de identificações que participa do processo de construção do analista?

SILVIA ALONSO Exatamente, a forma de pensar como se constrói um analista tem tudo a ver com a forma de pensar a constituição de uma associação ou de uma instituição. Não podemos ter uma figura única de referência, como acontece em algumas escolas. Para que esse mosaico identificatório aconteça, precisamos oferecer uma ampla gama de modelos e pensamentos a serem colocados no lugar de suposto saber. Assim, as transferências se estabelecem, os processos identificatórios vão acontecendo, e modos de trabalhar, de pensar e de se posicionar como analista vão sendo incorporados e incluídos. Enfim, tudo o que se vê nesse processo complexo.

PERCURSO Para não correr o risco de perder a ideia de “suposto”, e também da pesquisa.

SILVIA ALONSO Sim, para não correr esse risco. Por isso propus um grupo de pesquisa e não de estudo, porque a pesquisa auxilia justamente nesse processo. Acredito que deve haver o que se chama de apropriação das heranças, ou seja, deve haver um luto do ideal, e de quem ocupa o lugar do ideal, para se apropriar dessas heranças na construção do analista. E, ao mesmo tempo, tem que se reconhecer a condição de criar, expandir e produzir conhecimento. Estes são dois movimentos fundamentais. No processo de formação do Departamento, isso já começa com a escrita das monografias. Existe um coordenador de seminário que acompanha o aluno durante todo o ano, mas chega um momento em que a fala é do aluno, através das monografias e nos colóquios de monografia, que são espaços extremamente importantes para se produzir conhecimento. Quando propus que se chamasse Grupo de Pesquisa do Feminino, alguns colegas se aproximaram e me perguntaram se eu tinha deixado de ser psicanalista. Claro que não! Fazer pesquisa em Psicanálise não é se afastar da clínica! Trata-se de uma Pesquisa Psicanalítica, mas tinha muita coisa envolvida, era difícil incluir a pesquisa dentro da Psicanálise.



*existe um coordenador
de seminário que acompanha
o aluno durante todo o ano,
mas chega um momento em que
a fala é do aluno, através
das monografias e nos
colóquios de monografia*

PERCURSO É interessante porque cada análise é um projeto de pesquisa.

SILVIA ALONSO Sim, tinha uma certa contradição entre a própria proposta freudiana de que toda análise é um trabalho de pesquisa e a ideia de que a pesquisa não estaria incluída no campo da psicanálise.

PERCURSO E foi como Freud construiu toda a teoria, ela só foi construída via pesquisa.

SILVIA ALONSO Com certeza, mas apesar disso, com a formulação institucional do que era pesquisa, não era simples incluí-la no corpo da psicanálise. Era difícil pelo lado da academia, das universidades, que se atribuíam a propriedade do campo da pesquisa, e também na sociedade psicanalítica encontrava-se muita resistência, temia-se que com a produção de conhecimento, de teoria, o campo da racionalização se ampliasse e se perdesse de vista o afeto, a intimidade e a força transformadora dos processos analíticos. Os argumentos eram certamente resistências à construção epistêmica, à construção conceitual.

PERCURSO E também, podemos pensar na psicanálise mais pública, que está no campo, fora do consultório particular. Como se só pudesse existir produção de pesquisa e conhecimento a partir da clínica particular.

SILVIA ALONSO Que é justamente o contrário, é um paradoxo, porque é a clínica ampliada, quando sai dos muros do consultório, e vai para as instituições, para as ruas, que se *intensifica* a necessidade



*a ideia era que a partir
das figuras clínicas mais prementes
naquela época pudéssemos
pensar sobre como essa figura
se forma na intersecção
com o que era da cena
social naquele momento*

de pesquisa. É preciso dar conta dessa clínica, produzir mais conhecimento, conhecimentos novos, pois o que temos já não é suficiente. O que faz necessária uma produção permanente de pesquisa em psicanálise.

PERCURSO Voltando à pergunta sobre o Grupo do Feminino, como se deu sua constituição?

SILVIA ALONSO Naquele momento, fiz uma convocatória entre os membros do Departamento convidando-os a participar desse grupo de pesquisa, vários colegas se interessaram, e começamos a funcionar em 1997. Já vai fazer 30 anos! A proposta que faço ao grupo está no nome, *O feminino e o imaginário cultural contemporâneo*. A ideia era que a partir das figuras clínicas mais prementes naquela época – que eram as da anorexia, do corpo, da gravidez assistida, da gravidez na adolescência, da menopausa – pudéssemos pensar sobre como essa figura se forma na intersecção, na condensação, do que é do próprio funcionamento psíquico, da própria dinâmica psíquica, com o que é da cena social naquele momento. Então, temos que entender a anoréxica singular em sua história, no trabalho analítico, mas também entender as epidemias de anorexia, quais são os fatores, as forças, as tensões sociais que, em certos momentos, fazem com que aquela figura clínica sintomática apareça com muita força. Essa é a proposta, e o imaginário, que está no nome, é o imaginário de Cornelius Castoriadis, não é o imaginário do especular, de forma alguma. É o imaginário social de Castoriadis, esse magma,

essa imensa quantidade de significações existentes no social que constroem um imaginário a cada momento, e que se materializa nos discursos institucionais pedagógicos, médicos, políticos, produzindo efeitos sobre as subjetividades. Discursos encarnados nas instituições que os veiculam e que vão tendo efeitos fundamentais na construção das subjetividades.

Esse é um grupo que produziu muitas pesquisas, reflexões, escritos, e continua produzindo até hoje. Muita coisa foi feita, já temos quatro livros publicados! Quando fizemos a pesquisa sobre os feminismos, trabalhamos o grupo inteiro com o mesmo tema. Depois, voltamos a trabalhar em subgrupos com temas diferentes. Atualmente, temos um subgrupo trabalhando as questões atuais da masculinidade, outro pesquisando as questões da adolescência em uma escola, outro com um projeto sobre clínicas públicas, e outro trabalhando a problemática do aborto.

Bem, é claro que as coisas se definem desde muitos ângulos, não foi só porque configurou-se como um grupo de pesquisa, mas esse é um grupo em que os participantes trabalham muitíssimo!

PERCURSO Gostaríamos que você situasse a entrada na FLAPPSIP na trajetória do Departamento. Como surgiu a ideia e o desejo de integrarmos uma Federação internacional de psicanálise? Houve uma pesquisa das federações existentes? Quais critérios nortearam a escolha?

SILVIA ALONSO Esta escolha certamente foi norteadada pelo que descrevi acima como princípios fundantes do Departamento, e que sempre se mantiveram na construção de seus caminhos. Quando entrei no curso de Psicanálise como professora, eu tinha as atividades de transmissão, mas em determinado momento comecei a pensar que, embora o Departamento fosse um lugar onde a efervescência da reflexão, do pensamento e do questionamento estivesse muito presente, existia pouca circulação em um coletivo mais amplo. Cada professor tinha seu seminário em que transmitia aos alunos suas reflexões, mas havia pouca circulação no coletivo e quase

nenhuma fora do Departamento. Eu tinha um desejo muito grande de criar espaços nos quais a reflexão, o pensamento e a troca fossem mantidos ativos, estimulantes, e vivos no intuito de ampliar o campo de interlocução. Foi isso que me levou a propor a organização de um Ciclo de Debates de Freud, em 1995, no qual uma dupla de professores do curso escolhia um texto de Freud e produzia uma reflexão para todos do Departamento, e que antes ficava apenas no âmbito dos seminários. Como sempre fui uma grande incentivadora da escrita, no término desse ciclo, que se realizava uma vez ao mês no decorrer de um ano, produzimos o primeiro livro publicado pelo Departamento. A esse ciclo e livro se seguiram muitos outros. Então, o desejo de troca, de expansão, estava também presente no projeto de fazer parte de uma Federação. Assim, levei a proposta de filiação ao Conselho de Direção, do qual eu fazia parte naquele momento, isso aconteceu antes do ano 2000.

PERCURSO Desde o início a ideia de filiação era a uma Federação latino-americana?

SILVIA ALONSO Sim, já estava na proposta ser uma Federação latino-americana. Todos se entusiasmaram muito e me pediram para fazer uma pesquisa das possibilidades. Fiz essa pesquisa entrando nos sites, lendo as apresentações e os regulamentos das associações existentes, e me pareceu que a FLAPPSIP era uma boa escolha. Pouco depois, em 2000, houve “Os Estados Gerais da Psicanálise”, na França e, como desdobramento desse movimento, “Os Estados Gerais Latino-Americano”. O Departamento aderiu fortemente a essa proposta com uma ampla apresentação de trabalhos e participação nas mesas dos encontros em São Paulo (2001 e 2005), na Argentina (2002) e no Rio de Janeiro (2003). Como esses encontros permitiram essa troca ampliada, de alguma forma, satisfizeram nossa demanda. Configurou-se como um movimento, e não como uma Federação, mas as propostas eram coincidentes à medida que tinham a intenção de reunir psicanalistas que estavam trabalhando com a psicanálise nessa consigna



*quando esse movimento
dos Estados Gerais se enfraquece
e vai desaparecendo
do campo, volto a considerar
a ideia de incorporação
a uma Federação
mais ampla*

de revisão, transformação e ampliação permanente da episteme. Assim, considere que já não precisava seguir adiante com o projeto de filiação. Quando esse movimento dos Estados Gerais se enfraquece e vai desaparecendo do campo, volto a considerar a ideia de incorporação a uma Federação mais ampla. Isso coincide com a ida de Renato Mezan, a convite da FLAPPSIP, a um congresso no Peru, onde lhe perguntam por que o Departamento não fazia parte da Federação. Renato retorna trazendo esse convite ao Conselho de Direção, na gestão 2015/2016. A proposta é recebida com entusiasmo, e é encampada pela interlocutora da Área de Relações Externas, Roberta Kehdy. Nessa época, a FLAPPSIP estava sediada no Brasil e sua presidenta era Denise Souza, do CEP de Porto Alegre, que fez um grande trabalho para levar mais instituições brasileiras a participar da FLAPPSIP. Ela veio algumas vezes a São Paulo para que pudéssemos conhecer a Federação, conversar sobre o regulamento e sobre o funcionamento. O Departamento tem essa característica, quando uma ideia nos interessa, vamos adiante! Assim, formamos um primeiro grupo em que estavam Mario Fuks, Renato Mezan, Roberta Kehdy, Alessandra Sapoznik e eu. Após essa etapa, fizemos reuniões com todo o coletivo do Departamento para ampliar a discussão e avançar na aceitação da proposta. O Departamento e o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro entraram ao mesmo tempo. Certamente, esses foram fatores que levaram o Departamento à filiação naquele Congresso de Porto Alegre.



O que a FLAPPSIP oferece é um espaço de troca entre associações que tenham semelhanças em relação aos princípios, aos objetivos, à maneira de pensar a psicanálise

PERCURSO Como vocês entendiam a FLAPPSIP naquele momento? Por que a ideia era tão animadora?

SILVIA ALONSO Era animadora porque abria espaço de interlocução com associações de vários países latino-americanos que tinham propostas e objetivos alinhados com os fundamentos e perspectivas do Departamento. Em outras palavras, a FLAPPSIP tinha como norte a troca de reflexões psicanalíticas entre várias associações que propunham uma psicanálise implicada e vinculada ao social, que pensavam o sintoma articulado ao contexto social, e que eram ligadas a uma psicanálise de clínica ampliada importante, com trabalhos nos dispositivos de saúde mental.

PERCURSO Essas são características comuns às diversas associações que compõem a FLAPPSIP?

SILVIA ALONSO Esses são os objetivos declarados pela FLAPPSIP desde sua fundação e que se mantêm. Naquela pesquisa que fiz das Federações, algumas eram Federações por escola, por exemplo, lacaniana ou winnicottiana, o que não queríamos, outras eram Federações com parâmetros de formação muito claros, por exemplo, para pertencer era necessário ter tantas horas de supervisão, ou tantas horas de estudos. Diferentes da FLAPPSIP, que respeita a diversidade de cada associação em seus projetos de formação, em sua organização de gestão, ou seja, sem exigências. O que a FLAPPSIP oferece é um espaço de troca entre associações que tenham semelhanças em relação aos princípios,

aos objetivos, à maneira de pensar a psicanálise, e também por serem países latino-americanos que têm histórias que os aproximam. O fato de terem sido colonizados, e tudo o que marca a organização social e econômica desses países, construídos em um ambiente de desigualdades muito grande entre colonizadores e colonizados, que viveram seus processos de independência, mas que incorporaram essa forma de funcionamento nas desigualdades sociais e econômicas, que são imensas em todos os países.

PERCURSO Também na questão de uma certa fragilidade democrática, e o tema da escravidão em alguns países.

SILVIA ALONSO Exatamente, houve os governos militares, o terrorismo de estado, as passagens pendulares entre direita e esquerda na política de vários desses países. A colonização, os racismos, o massacre das populações originárias. Ou seja, existem problemáticas sociais, econômicas e históricas que os unem. Entretanto, temos diferenças entre as associações, que são respeitadas, mas que exigem muito trabalho.

PERCURSO A democracia é trabalhosa! Você poderia dar um exemplo dessas diferenças?

SILVIA ALONSO Por exemplo, o curso de Psicanálise nasce em um momento em que a questão da apropriação da psicanálise pelas instituições ditas oficiais era muito grande. Essa foi a primeira luta que o Sedes teve que enfrentar para poder existir, e que faz parte de um momento importantíssimo de sua história. O curso se formou em 1976, com Regina Schnaiderman, Roberto Azevedo e vários analistas da SBPSP, e começou a funcionar com o oferecimento de seminários. Muito rapidamente, a SBPSP colocou um obstáculo significativo ao declarar que a psicanálise não poderia ser ensinada fora da Sociedade, e que seus membros que faziam parte desse projeto de formação no Sedes teriam seus caminhos dificultados. Isso fez com que, no mesmo ano de 1976, um grupo grande se afastasse do curso do Sedes. Ficaram como professores Fabio Herrmann,



Isaiás Melsohn. Roberto Azevedo ficou até a cisão, em 1979, quando formaram-se os dois cursos de psicanálise no Sedes. Essa situação já avançou muitíssimo no Brasil, tanto dentro da própria Sociedade de Psicanálise, como com a fundação de novas associações que atualmente convivem e trocam dentro dessa diversidade. Naquela época, o curso se fundou como um curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica. E com os avanços no tempo ele muda de nome, passando a ser, em 1982, o curso de Psicanálise. Desde então, muitas associações brasileiras se fundaram e se autodenominam como associações psicanalíticas. O nascimento e as histórias das associações dos outros países são diferentes.

PERCURSO Esse é um campo de discussão dentro da Federação?

SILVIA ALONSO Não, não é um campo de discussão. As associações convivem no sentido de levar em frente as propostas da Federação. Acho que em algum momento será interessante abrir uma reflexão forte sobre as histórias das associações, para nos conhecermos melhor, o que vai nos ajudar no crescimento da FLAPPSIP ainda mais.

PERCURSO Seria uma abertura para o trabalho com as heranças. Aquilo que você dizia ser fundamental na construção de um analista e, por analogia, na construção das instituições.

SILVIA ALONSO Sem dúvida!

PERCURSO Passados esses anos de experiência, quais efeitos você reconhece no Departamento dessa filiação à FLAPPSIP? Correspondem às expectativas que se tinha?

SILVIA ALONSO Acredito que existem efeitos bem importantes, por exemplo, em relação à ampliação do campo de trocas. Atualmente a FLAPPSIP é composta por onze associações. Há uma associação do Chile, quatro associações do Peru, três do Brasil, duas da Argentina e uma do Uruguai. E como se concretizam as trocas entre as associações? Bem, talvez, para entender isso, precisamos entender algo primeiro. Existe um rodízio da sede

*de dois em dois anos
a sede muda de país, e é um
trabalho que vocês nem imaginam!
O funcionamento básico das
instituições é diferente, os países
são diferentes, as questões jurídicas
e legais são diferentes*

da FLAPPSIP. Então, de dois em dois anos a sede muda de país, e é um trabalho que vocês nem imaginam! O funcionamento básico das instituições é diferente, os países são diferentes, as questões jurídicas e legais são diferentes. É um trabalho muito grande, mas o rodízio da sede entre os países é fundamental porque assim as histórias da psicanálise e as histórias das associações dos diferentes países vão sendo assimiladas pela própria Federação. A sede tem uma Comissão Diretiva da FLAPPSIP, na qual três membros são do país que está sediando, outro membro é do país anfitrião anterior, que foi pensado como uma ponte na transmissão do funcionamento da diretiva para garantir a continuidade, e o outro é do país que vai ser a sede seguinte. Neste momento, três membros são de associações do Peru, um do Chile, um do Brasil, que vai ser a futura sede. Cada diretiva dura dois anos, durante os quais ela organiza dois encontros importantes: no primeiro ano, um simpósio, e no segundo ano, um congresso.

Além desses encontros, como espaços de troca entre as associações, existem dois espaços permanentes: a área de pesquisa e a área de publicação. A área de publicação tem uma revista, a *Intercambio Psicoanalítico*, que publica textos de todas as associações em cada número. Os textos do simpósio foram publicados no último número, mas regularmente, as associações enviam um texto ou uma resenha. É um espaço de troca permanente por meio da escrita. A revista cresceu muito nos últimos anos, se fortaleceu e ganhou qualidade. Atualmente é uma revista indexada.



o Departamento tem muita coisa para dizer, muita história, muita produção, muitas mudanças, muitos caminhos percorridos. E é uma oportunidade de comunicar e, claro, de escutar também

Já a área de pesquisa tem uma proposta muito interessante, que é a de que as associações façam pesquisas conjuntas a partir de um tema proposto por alguma delas, montando-se um projeto em comum. A área tem muito a caminhar, porque é difícil colocar essa proposta em prática, mas essa foi uma das coisas que me entusiasmou muito na FLAPPSIP. Eu pensava, imagina a densidade, a complexidade de conduzir pesquisas sobre um tema em diferentes países da América Latina! Temos muito a avançar, explorar e aprimorar, mas é uma proposta que me atrai muito.

Na diretiva atual, fizemos um simpósio, em 2024, que se chamou “Sonhar um futuro é possível? A clínica do desamparo nos tempos atuais”, em que escolhemos trabalhar temas que têm tudo a ver com as clínicas atuais. O desamparo na articulação que o próprio termo carrega entre o subjetivo e o social, a condição social. Nesse simpósio convocamos as associações para enviarem trabalhos através de seus representantes. No nosso caso, Deborah Cardoso e Silvio Hotimsky representaram o Departamento e foi uma troca muito importante. Bom, no Congresso essa troca é feita em uma proporção muito ampliada. Cada Congresso encerra uma diretiva e uma sede, e se faz a passagem para a diretiva seguinte.

PERCURSO Como tem sido a resposta do Departamento a essas convocatórias?

SILVIA ALONSO Como disse antes, quando o Departamento pega uma ideia a fertilidade é muito impressionante, a quantidade de artigos

do Departamento que chegam para os congressos é surpreendente, e também muitas pessoas vão aos congressos. Acho que tem sido um espaço de troca importante e também como mobilização do Departamento para escrever e transmitir a outras associações o trabalho clínico, teórico e institucional de pensamento e posicionamento. Isso me parece um ganho muito grande.

PERCURSO No sentido do que você falava da pesquisa, de as pessoas se apropriarem.

SILVIA ALONSO Exatamente, a pessoa se apropria, pensa, repensa, coloca no papel e conta para os outros, transmite. Acredito que é isso que se faz nos congressos, numa escala imensa. O Departamento tem muita coisa para dizer, muita história, muita produção, muitas mudanças, muitos caminhos percorridos. E é uma oportunidade de comunicar e, claro, de escutar também, trocar com outros países, outras realidades, momentos históricos e institucionais diferentes. São trocas extremamente ricas. Durante a pandemia, os simpósios e congressos foram virtuais, no Chile o congresso foi híbrido e agora, no Peru, vai ser presencial. O presencial permite outras trocas também, com o lugar, com o país. Quando tivemos o congresso no Chile, o país estava em um momento histórico importante, de muita efervescência, eram os 50 anos do golpe militar. O contato com esse momento da história e com os psicanalistas muito mobilizados, pensando, refletindo sobre tudo isso, foi muito rico.

PERCURSO Você parece entusiasmada.

SILVIA ALONSO Acho que me entusiasmei aqui na conversa com vocês. A quantidade de trabalho é uma imensidão, mas quando conto a história e recupero a riqueza deste Departamento, isso me entusiasma de novo!

PERCURSO Quem é membro do Departamento de Psicanálise se torna membro da FLAPPSIP por contiguidade?

SILVIA ALONSO Sim, os filiados são as associações, todos os que pertencem à associação já são filiados.



PERCURSO Como vocês fazem para se manter?
SILVIA ALONSO Existe uma cota anual com que todas as associações contribuem para a Federação se manter. É uma Federação bem restrita economicamente.

PERCURSO No ano que vem, o Brasil se tornará a sede da FLAPPSIP. Como você, que está na função de Secretária Científica nesses últimos dois anos, tem pensado os grandes desafios desse novo momento, em que o Brasil estará como sede e o Departamento de Psicanálise em uma posição central?

SILVIA ALONSO Bom, cada mudança de sede é um desafio. Dar continuidade a essa Federação que tem de existir com a troca da sede para outro lugar e continuar reforçando os vínculos entre as associações é um desafio que vai exigir muito trabalho. A Federação é quem organiza o Congresso, mas o fato de a Comissão Diretiva funcionar no Brasil trará às associações brasileiras um trabalho grande e significativo.

PERCURSO Quantas associações brasileiras são federadas?

SILVIA ALONSO São três, em Porto Alegre, São Paulo e no Rio de Janeiro. Aliás, há uma quarta associação que está em negociações para entrar. Não sei o que vai acontecer, mas com a sede no Brasil, vamos torcer para que outras se aproximem. Seria muito bom, porque realmente não faltam associações brasileiras muito interessantes e consistentes.

PERCURSO Você fala, portanto, de dois desafios, fazer a sede funcionar e organizar todo esse trabalho de troca.

SILVIA ALONSO Sim, organizar todo esse trabalho com a sede no Brasil e manter a articulação entre as associações, que já compartilham algumas semelhanças em termos do funcionamento democrático. Cada associação tem dois delegados que participam das assembleias. Quer dizer, há uma Comissão Diretiva nesta configuração que lhes disse, mas a maioria das decisões são tomadas nas assembleias compostas por delegados

nos últimos anos parece ter havido algumas situações mais críticas ou de interrogações como “por que se lê tanto Freud?”, “Freud ainda tem validade de pensamento?”, “Não está ultrapassado?”

representantes de todos os países, e, nesse sentido, funciona democraticamente. O desafio é sustentar e trabalhar para que tudo isso se mantenha e frutifique. Imagine, em um país tão grande como o Brasil, com imensa distância física entre as associações.

PERCURSO Em sua trajetória, acompanhamos uma psicanalista comprometida com a leitura profunda e crítica do texto freudiano, além de sempre atenta a colocar em questão a normatividade vigente. Em seus estudos sobre a sexualidade, você aponta a força de movimentação que os estudos de gênero tiveram nas ciências humanas como um todo, e especialmente na psicanálise. Atualmente, o tema da diversidade de gênero já deve compor uma bagagem importante daqueles que chegam ao curso de Psicanálise. Queríamos saber como tem sido sua experiência na transmissão, no que diz respeito ao encontro dos psicanalistas das novas gerações com os escritos de Freud.
SILVIA ALONSO Nos últimos anos parece ter havido algumas situações mais críticas ou de interrogações como “por que se lê tanto Freud?”, “Freud ainda tem validade de pensamento?”, “Não está ultrapassado?”. Ao que, claro, todos os colegas foram respondendo. Bom, o que eu responderia é que certamente Freud não está ultrapassado, por vários motivos. Primeiro, porque a descoberta ou a criação dessa parte do pensamento do que é a psicanálise tem seus fundamentos no pensamento freudiano, que continua sendo sua base, seus princípios continuam vigentes na psicanálise. Isso por um lado, mas fundamentalmente



toda a construção do pensamento freudiano vai se fazendo a cada momento, vai se complexificando, vai tendo incorporações, mas recalques também. Então, acredito que é nessa perspectiva que a leitura de Freud certamente precisa ser feita

não está ultrapassado ou arcaico porque a leitura de Freud que fazemos é uma leitura que se renova permanentemente a partir das questões atuais. Uma coisa era ler Freud há 20 anos, ou seja, quando li Freud para escrever o livro sobre histeria com Mario Fuks, li Freud desde uma perspectiva, no interesse de respostas para certas perguntas. Quando leio Freud hoje, leio em busca de respostas para outras perguntas.

E, portanto, acredito que a proposta de Lacan de retrabalhar a obra de Freud foi fundamental na história da psicanálise. Na década de 1960, não se lia Freud na formação. Liam-se dois ou três artigos da técnica, e só. Esse retorno a Freud foi muito importante, mesmo que, depois, os lacanianos também tenham deixado de ler Freud. Mas como proposta para quem a pegou, como nós, a leitura de Freud foi fundamental, tínhamos de retornar às fontes. Em todos os projetos de formação, em todas as associações criadas a partir daí, nas quais tive participação, na Argentina ou aqui, essa consigna foi fundamental. Isso não quer dizer que não se aproveite, não se leiam as contribuições de todos aqueles que o sucederam e que fizeram aportes fundamentais, como Lacan, Melanie Klein, Winnicott, Bollas, e todos os psicanalistas que não são fundadores de escolas, mas que contribuíram com pensamentos importantes sobre temas específicos. Ou seja, o acúmulo de conhecimentos novos que a psicanálise tem ao longo de sua existência, de sua história, é imenso.

Esse intenso trabalho de retorno a Freud encontramos depois em Laplanche, que foi para mim

um acompanhante importantíssimo em toda minha formação. Lia Freud e lia Laplanche, voltava a Freud. E aí dá para ver como cada leitura recupera, de acordo com cada momento, conceitos que são importantes e que não eram muito levados em conta em épocas anteriores. Percebemos que o que tinha sido recuperado dos escritos freudianos era uma parte, e que a partir de outras perguntas se recuperam outros conceitos. A leitura de Freud não está ultrapassada porque ainda existem os fundamentos, que é de onde saímos, mas também porque novas leituras são feitas desde realidades com perspectivas e buscas diferentes, e encontramos conceitos que não eram tão importantes em outras épocas. A partir de novas formas de sofrimento, de novas patologias, foram recuperados tantos conceitos que são absolutamente fundamentais e que, há 50 ou 60 anos, não faziam parte do que um analista tinha na escuta como marco, digamos, a partir do qual a escuta se produz.

Mas também encontramos coisas que não se encontravam antigamente porque mudou o lugar de onde se fazia a leitura. Assim como encontramos muitas questões sobre conceitos que não nos servem. Conceitos que surgiram reproduzindo absolutamente a mentalidade da época, conceitos que não concordam com as nossas posições. Tem conceitos que são misóginos, tem conceitos que são transfóbicos.

PERCURSO Em sua aula aberta para o curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, você faz uma distinção entre uma compreensão da obra freudiana que segue mais pelo binarismo hierárquico e uma compreensão que segue mais pela linha da alteridade.

SILVIA ALONSO O pensamento freudiano é abundante, grande e complexo. Toda a construção do pensamento vai se fazendo a cada momento, vai se complexificando, vai tendo incorporações, mas recalques também. Então, acredito que é nessa perspectiva que a leitura de Freud certamente precisa ser feita. Ao longo do PERCURSO que fiz nessa aula a que você se referiu, trabalhei como tema central o poder e a sexualidade na psicanálise. De

como o poder “tem o poder” de construir grupos vulneráveis, de construir grupos excluídos, grupos sobre os quais se exercem as violências. E, de como isso vai entrando na construção de teorias. Cada pensamento, cada um de nós é fruto da sua época, certamente.

Mas acredito que existem momentos de certas produções conceituais, de pensamentos amplos, extensos, em que se consegue fazer rupturas com o que vem do social que permitem criar teoria. Freud criou teoria, e com rupturas fundamentais. Ou seja, quando se pensava o ser humano a partir da consciência e, portanto, o centro do sujeito era o pensamento consciente, o ego era o centro da existência, Freud faz uma ruptura fundamental. Introduce e inclui o inconsciente com a força de ser o objeto fundamental da disciplina que ele constrói, fundamental para a clínica e para a escuta analítica. É certamente uma grande ruptura, não é? Agora, existem momentos em que há rupturas e momentos em que há continuidades. E em que muitos conceitos de Freud e de todos os pensadores entram na continuidade do social. Muitos autores têm estudado isso atualmente. Michel Thor, por exemplo, estuda qual é a continuidade que se construiu entre o patriarcado, o lugar paterno, a função paterna, a teorização paterna sobre o pai. Alguns entram em uma continuidade e aí não é teoria, são os momentos em que se repete, em que se dá continuidade sem criar teoria. E o que é a criação da teoria? É a possibilidade de criar pensamentos que compreendam a realidade a partir de outra perspectiva ou de uma maneira diferente, nova, certo? Bem, acredito que, em relação à questão da sexualidade, que foi o tema que desenvolvi naquela aula, tem momentos e conceitos muito diferentes.

PERCURSO Qual conceito de Freud você consideraria, hoje em dia, misógeno, transfóbico?

SILVIA ALONSO Ah, tem muitas expressões, muitas impressões. Isso é muito interessante. Se lemos essa ambivalência de quando fala o investigador que ampliou o campo do pensamento e de quando fala o homem burguês do século XIX,



*é muito impressionante,
por exemplo, em relação
à questão da incorporação
das mulheres analistas, ler as atas
das reuniões da primeira
Sociedade de Viena*

por exemplo, vemos isso. Não sei se vocês leram as atas das reuniões da primeira Sociedade de Viena. É muito impressionante, por exemplo, em relação à questão da incorporação das mulheres analistas. Quer dizer, lendo as conversas, se vê isso! As coisas que Freud chega a dizer sobre o feminismo, que o feminismo não ajuda em nada as mulheres, para que as mulheres vão sair do lugar? Bom, não quero repetir, pois vou repetir errado porque não tenho as expressões literais. Mas, hoje em dia, tem tantas publicações nas quais estão assinaladas as expressões que são misóginas. E tem o pensamento, em certos momentos, em relação à restrição da capacidade sublimatória das mulheres, ou o pensamento sobre a inveja do pênis que aparece como o eixo central da subjetividade feminina, como se fosse mantida e não localizada no tempo, não localizada em uma teoria sexual infantil, em uma produção infantil, mas estendida como se fosse a essência da mulher! Ou a tal questão do instinto materno.

Bem, vocês me perguntaram a partir da aula no curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, mas eu gostaria de dizer a partir do trabalho de pesquisa no grupo feminino. Sempre fazemos a investigação a partir dos materiais clínicos, a partir das teorias, a partir do psíquico, intrassubjetivo, totalmente enlaçado com o social. Mas também vamos fazendo uma releitura dos conceitos freudianos. Enquanto realizamos uma investigação, pensamos quais conceitos freudianos fomos revendo? Por exemplo, quando investigamos o corpo no contemporâneo, pensamos



e tem o conjunto de conceitos que trabalhei em vários textos, que tem a ver com a questão da lacuna, do irrepresentável, tem a ver com a simbolização e com o limite como representação fronteira

quais conceitos freudianos devemos recuperar, quais precisamos mudar, quais não nos servem mais. Ou seja, a releitura do texto freudiano no campo da pesquisa tem de ser um eixo fundamental. Se não for assim, como é que se inova se usamos os mesmos conceitos?

Alguns conceitos servem para entender as diferenças, outros não. Nas apresentações clínicas, por exemplo, os conceitos de desamparo, de intensidade, de irrepresentável, de alteridade, de *a posteriori* cobraram valor simbólico. A entrada no campo se deu a partir da escuta nas apresentações clínicas.

PERCURSO Além de pensarmos apenas na criação de novos conceitos, podemos falar da relevância de rearticulação de conceitos que já estão?
SILVIA ALONSO Sim. Articulação e rearticulação de conceitos. Conceitos que, nos primeiros tempos da teoria, tinham uma força e uma presença muito importante – como, por exemplo, o conceito da pulsionalidade pura a partir do traumático ou a questão do recalque como um processo de retradução em linguagens diferentes das fases libidinais –, são conceitos centrais para a clínica, mas ficam periféricos na grande parte do tempo do pensamento freudiano, quando o importante é a representação da pulsão, a pulsão em sua representação. E tem o conjunto de conceitos que trabalhei em vários textos, que tem a ver com a questão da lacuna, do irrepresentável, tem a ver com a simbolização e com o limite como representação fronteira. São conceitos que foram

recuperados e me serviram muito para trabalhar várias temáticas diferentes. E estavam esquecidos, tinham perdido valor e presença em um tempo longo do pensamento freudiano.

E vemos, no final da teorização freudiana, com a guerra e a violência, como se apresentam a pulsão de morte, o não representável, o desamparo e a angústia causada pelo excesso. Então, os conceitos vão cobrando força a partir da clínica e do que está acontecendo na cultura.

Nesse sentido, eu gostaria de retomar o tema da transmissão, pois acho que as questões que surgem atualmente e que interrogam o pensamento são fundamentais para repensar a transmissão. Não é para descartar o Freud ou a psicanálise, mas para repensar o que estamos transmitindo e como estamos transmitindo. Creio serem perguntas que não devem ser evitadas, muito pelo contrário, são perguntas que tem que ser aproveitadas. Perguntas e críticas são bem-vindas, porque levam a um retrabalho de quem transmite para pensar: como está a transmissão? O que não é para ser lido agora? O que é para ser incluído na leitura? Que leituras têm que ser ampliadas? Que outros inter cruzamentos têm que ser feitos com os autores contemporâneos? Isso é fundamental. É preciso que essas perguntas se mantenham na transmissão, nos grupos de formação contínua, nos cursos do Sedes. Isso é uma posição.

PERCURSO No quarto ano são oferecidas novas disciplinas que trazem temas da contemporaneidade, como, por exemplo, as leituras de Fanon. Você acha que essas disciplinas se relacionam com isso?

SILVIA ALONSO Sim, é dessa forma que outras temáticas podem ser incluídas. E, no final da aula mencionada por vocês, eu volto à questão da escuta como um instrumento fundamental para todos os analistas.

PERCURSO Escutar significa manter a ética psicanalítica.

SILVIA ALONSO Exatamente, a escuta nesse sentido. Mas, ao mesmo tempo temos de pensar que

o contorno da escuta está feito pela episteme. Há o campo da teoria, da episteme, do conhecimento, que também contorna a possibilidade da escuta. É muito importante para pensar na reformulação da episteme, como, por exemplo, nos temas que envolvem a relação com a sexualidade, a diversidade. É por isso que repensar a teoria, os conceitos, a história dos conceitos, se tem ou não ruptura com o social, é um trabalho que tem de ser feito constantemente. Porque, de alguma maneira, esse contorno do que se escuta amplia ou limita as questões que são possíveis de serem escutadas. Tem determinadas questões que entram nessa episteme e outras que não entram nessa construção de interpretação, de validação, de produção teórica. Por isso as perguntas que vêm dos alunos são importantes para quem transmite, porque elas levam a repensar a transmissão.

As conversas e interrogações colocadas para a psicanálise pelos outros campos – como exemplos, aquelas feitas pelo feminismo, pelos grupos queer, pelas lutas antirracistas – são fundamentais. Elas nos colocam questões que, se não viessem desses lugares, talvez nem entrariam no campo psicanalítico. As questões que os colegas em formação levantam atualmente produzem perguntas que estão incluídas no campo para, por exemplo, dar visibilidade à patologização de determinadas

sexualidades, a não inclusão da importância das diferenças dos corpos, de cores desses corpos. São questões que também não estavam incluídas para nós porque toda montagem é limitada. Precisamos que esse diálogo se mantenha com outros territórios, com outros agentes, com outros lugares, porque é isso o que leva a incluir questões que não estavam lá. E isso ajuda a pensar com quais perguntas eu faço a leitura de Freud.

PERCURSO Então, isso é fundamental para aquilo que você dizia como um pilar: manter uma permeabilidade na clínica e no pensamento psicanalítico.

SILVIA ALONSO Não transformar a psicanálise em um dogma é imprescindível. A psicanálise é um aporte muito importante para a compreensão do psiquismo ligado ao social, dos fenômenos sociais, da constituição das subjetividades. Mas não é um dogma. As verdades da psicanálise também precisam acompanhar o tempo. O tempo do *après coup* é o tempo da psicanálise, inclusive na maneira de estudar psicanálise. Rer Freud requer estar atento ao momento, a leitura muda com as interrogações e com o tempo. E assim, mantemos o que é verdadeiramente fundamental – e continuo achando fundamental o pensamento freudiano.